

A viagem como “transcender de pátrias”: “nomadismo” e espaço híbrido em Annemarie Schwarzenbach

Maria de Lurdes Neves Godinho

IPPLEiria - ILC

Resumo: As reportagens jornalísticas de Annemarie Schwarzenbach e o importante papel que confere à imagem fotográfica, tão amplamente teorizada por Walter Benjamin e Vilém Flusser, revelam a identidade híbrida da autora, que, nas suas incessantes viagens, “transcende pátrias”, num contínuo “pairar” sobre os espaços a que se desloca, seguindo a terminologia proposta por Flusser na sua reflexão teórica. Assim, partindo das teorias de “Heimatlosigkeit” e de nomadismo de Vilém Flusser (1992), pretendo analisar a “hibridez”, “a deslocação”, o espaço do “entre” (Bhabha, 1994) da fotojornalista no texto “Die Steppe” (1939), em que a viagem pelo Afeganistão e pelo Irão surge como “a imagem concentrada da [nossa] existência” (AS), bem como no artigo “Schiffs-Tagebuch”, escrito em maio de 1941, em plena II Guerra Mundial, a bordo do navio português “Colonial”, na sua viagem entre a Europa e a África (publicado no jornal helvético *National-Zeitung* em novembro do mesmo ano). Finalmente, nos dois últimos artigos em apreço, escritos na África Central: “Kleines Kongo-Tagebuch I. Abschied von Leopoldville” (igualmente publicado no *National-Zeitung* em abril de 1941), e em “Begegnung mit dem Dschungel” (dezembro de 1941, em *Die Weltwoche*) claramente dá provas de se sentir “a pairar” entre dois espaços civilizacionais, entre dois tempos, permeados pela saudade (“Heimweh”) não só da Suíça, seu país natal, mas do próprio continente europeu.

Palavras-chave: nomadismo, espaço “between”, hibridismo, Vilém Flusser, Annemarie Schwarzenbach, heterotopia

Abstract: Annemarie Schwarzenbach’s journalistic reports and the important role that she grants the photographic image, as Walter Benjamin and Vilém Flusser widely theorized it, reveal the hybrid identity of the author, who, in her endless travels, “transcends homelands”, in a continuous “floating” over the spaces she

moves, according to the terminology proposed by Flusser in his theoretical reflection.

Thus, based on the Flusser's theories of "Heimatlosigkeit" and nomadism (1992), I will analyze the "hybridity", the "displacement," the space "between" (Bhabha, 1994) of the photojournalist in the text "Die Steppe" (1939), where the journey through Afghanistan and Iran emerges as "the concentrated image of [our] existence" (AS), as well as in the article "Schiffs-Tagebuch" (written in 1941, during World War II), aboard the Portuguese ship "Colonial", on her journey between Europe and Africa (published in the Swiss newspaper *National-Zeitung* in November 1941).

Finally, the last two articles in question, written in Central Africa: "Kleines Kongo-Tagebuch I. Abschied von Leopoldville" (also published in the *National-Zeitung* in April 1941), and "Begegnung mit dem Dschungel" (December 1941, in *Die Weltwoche*), clearly give evidence of that "floating" between two civilizational spaces, between two times, permeated by homesickness ("Heimweh"), not only of Switzerland, but of the European continent itself.

Keywords: nomadism; space "between"; hybridism; Vilém Flusser; Annemarie Schwarzenbach; heterotopia

Edward W. Said, no seu estudo *Reconsiderar a Teoria Itinerante*, afirma: "O objetivo da teoria é assim o de viajar indo para além dos seus limites, emigrar, permanecer em certo sentido no exílio" (2005: 41). Por outro lado, Derrida, na sua leitura de Kafka, refere que o principal fundamento de um texto é o seu "como se", exprimindo com isto precisamente o trânsito do texto *entre* diversos limites, com a intenção de desconstrução da fixidez das fronteiras.

Neste contexto, entendo fronteira não apenas como lugar de passagem física de território, de deslocação, mas como local de diferença, ou de "différance" no sentido de Derrida, aplicado à escritora e fotojornalista suíça Annemarie Schwarzenbach (1908-1942), cujo caráter do "entre" Roger Perret justamente salienta, referindo-se ao facto de que Schwarzenbach se movimenta "entre formas de expressão, entre conservadorismo e modernismo, entre sossego e desassossego, entre esperança e desespero" (2001: 17). Relativamente às formas de expressão da autora, contam-se, por um lado, os escritos de natureza estética formal como o romance, o conto, o diário e, por outro, os escritos de natureza documental – reportagens jornalísticas, em parte com material fotográfico.

Acresce ainda que, dentro de um texto, Schwarzenbach usa formas narrativas várias – frequentemente misturando elementos autobiográficos com ficcionais.

Esse caráter da autora que eu apelidaria de “intersticialidade”, ou “in-betweenness”, partindo do conceito de terceiro espaço de enunciação, proposto por Homi K. Bhabha na sua obra *Location of Culture* (1994)¹, associado a uma certa hibridez² dentro do texto, vai contra a ideia largamente vulgarizada de que especialmente a literatura de viagens consistiria numa forma literária traduzida, para transmitir na sua própria língua o sentimento de estranhamento advindo da outra realidade. Ora, o conceito de hibridez, central na obra de Bhabha, critica o cânone e questiona as narrativas da historiografia clássica, por terem estado sempre ligadas às histórias de poder colonial e das culturas dominantes, opondo-lhe uma contra-narrativa. Nessa questionação aborda o estereótipo, reforçando a ideia de que a estereotipificação não pode ser explicada por um mero processo de deturpação da “realidade”. Realça, assim, a importância da ambivalência no processo de relacionamento com a alteridade para desconstruir tanto as concepções clássicas como os limites claros que separariam o Eu do Outro (cf. Bhabha 1994: 2).³

Segundo Andreas Reckwitz, a hibridez revela-se como “identidade pós-moderna” (2006: 19), o que, segundo creio, se aplica aos protagonistas de Schwarzenbach – visto serem possuidores de uma identidade e subjetividade híbridas (sexual, cultural e social). Este conceito pode, além disso, aplicar-se ao próprio espaço e tempo que surgem híbridos, como se verá, bem como à permanente transgressão da identidade de Schwarzenbach, pairando entre a necessidade quase simultânea de fuga, evasão, e de regresso, num perpétuo nomadismo e transcender de pátrias, de que falava Flusser, ele próprio um nómada por excelência, buscando a construção de pontes linguísticas e culturais, para fora da “Heimat” limitadora, em direção ao Outro.

Convém lembrar que, aquando da Segunda Guerra Mundial, a crise de valores da civilização europeia é particularmente sentida por inúmeros autores, que, coercivamente desenraizados devido ao exílio ou fuga ao totalitarismo nazi, se refugiam em Espaços-Outros, dando-lhes a sensação de serem “heimatlos” [apátridas] e “bodenlos” [sem chão, sem fundamento], tal como se autointitulava Vilém Flusser. Assim, o “nómada” Flusser

especifica este último conceito de “bodenlos”, aliás muito presente na sua filosofia, como “a experiência da solidão” (1992: 11).⁴

Também a vida de constante “Heimatlosigkeit” [apatricidade], na terminologia flusseriana,⁵ leva a escritora e fotojornalista suíça a um nomadismo errante através da Ásia, América e África, na busca do Outro. Viajar tornou-se, assim, para Schwarzenbach e a sua geração, símbolo de uma vida moderna, de mobilidade (Rohlf 2008: 85), mas esse desassossego sinaliza também um cansaço epocal e civilizacional europeu que se concretiza na “fuga da Europa” (Perret 1995: 135, 2005: 278; Heintz-Gresser 2001: 92), a qual Ueckmann explicita como “fuga da Alemanha hitleriana”, uma “fuga para diante” (2001: 128). Assim, as descrições de viagem de Schwarzenbach enquadram-se na tradição de um certo pessimismo europeu, embora a autora nunca tenha renunciado à identidade europeia (Campanile 2001: 104), cuidando ao escrever “dos valores espirituais do Mundo Ocidental”, como afirma em carta de 8.4.1933 ao seu amigo Klaus Mann (filho de Thomas Mann) (cf. AS 1998: 102).

As reportagens jornalísticas e o importante papel que confere à imagem fotográfica, tão amplamente teorizada por Walter Benjamin e Vilém Flusser, revelam a identidade híbrida de Schwarzenbach, que entende a Europa como uma “comunidade de memória” (Assmann 2007: 250-271) assente no humanismo, e se assume como europeia empenhada na manutenção de uma Europa assente em valores humanistas que vê soçobrar face à insanidade nazi.

O Médio Oriente tornar-se-á para a autora o lugar primeiro, o mais autêntico, no conflito consigo própria e com o Mundo, pois aqui, onde verdadeiramente começa a história cultural europeia, dessa “comunidade de memória”, Annemarie celebrará o seu abandono da Europa. A fotojornalista não será apenas uma visitante, uma viajante, mas uma mulher que, no imenso e longínquo deserto da Pérsia, reflete acerca do destino do seu Velho Continente em decadência e o lamenta. Mesmo nos escritos jornalísticos orientais transparece a sua dor mundial, o seu desenraizamento, o facto de se sentir estranha e perdida (cf. Georgiadou 1998: 125). Por estas razões, a obra oriental de Annemarie Schwarzenbach, não se enquadra no conceito de “Orientalismo”, nascido e comumente

citado por Said.⁶ Segundo Said, os Ocidentais transportariam consigo uma imagem pré-concebida dos Orientais, assente em estereótipos, em que o Outro (oriental) é colocado numa posição de inferioridade cultural face ao Ocidental colonizador.

Para Schwarzenbach, a percepção dessa realidade estranha revelar-se-ia, segundo Campanile (2001: 94s.), como despedida, memória, sonho ou pré-existência e modificaria a sua imagem do mundo.

Segundo Eduardo Lourenço, a vocação da Europa “é a errância e (...) a errância manifestou[-se] sempre por um gosto da *disputa*, da *dúvida*, da *curiosidade* (...). Errância: deriva no espaço, mas também no tempo, aventura espiritual sem fim (...) para buscar a verdade e verdade para preservar a liberdade” (1994: 77).

Também no caso da fotojornalista suíça a “errância”, entendida nesta aceção, e o “nomadismo” se evidenciam como a sua vocação. Mas é a necessidade de preservar os valores humanistas, na base da cultura e civilização europeias, então em crise profunda, que a levaria a pôr-se decididamente do lado da oposição antifascista, defendendo publicamente os seus amigos de esquerda Erika e Klaus Mann, que tal como o pai, Thomas Mann, acabarão por se exilar nos Estados Unidos. Como Perret sublinha (2005: 278), havia nascido a jornalista politicamente empenhada, em declarado oposicionismo político, mas isso acarretaria também o nascimento da viajante fugitiva da Europa, em busca da verdade de si e da liberdade para si e para o outro.

A viagem pode, pois, entender-se em AS como o principal ímpeto de escrita, quer a acompanhemos por Paris e Berlim (1931-33), quer, após a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, pelos Pirenéus espanhóis, retratando bascos e ciganos, depois pelo Médio Oriente, até à América e África, para sempre retornar à sua amada Europa e, a espaços regulares, à sua pátria – Sils, na Suíça. Aí acabará por falecer prematuramente, em 1942, aos 34 anos, após uma fatídica queda de bicicleta – ironia trágica para um destino aventureiro, de errância nómada, por sítios inóspitos, desbravando novos espaços, como se de estações da vida se tratasse, como a própria autora o condensaria aliás no seu texto “A Estepe”: “‘A nossa vida assemelha-se à viagem ...’ e, deste modo, a viagem parece-me ser menos uma aventura e

uma excursão por sítios estranhos, do que uma imagem concentrada da nossa existência” (AS 2008b: 185).

No seu artigo “Weiter westwärts” [“Adiante rumo ao Ocidente”, publicado a 25.5.40), fruto da sua viagem de Génova para os EUA, a bordo do navio “Manhattan”, “a cidade italiana surge simultaneamente como metonímia e metáfora da própria Europa” (Godinho 2010: 195). Assim, à medida que o navio se afastava na noite, o esmorecimento gradual das luzes amareladas da cidade representava simbolicamente o desaparecimento da paisagem e civilização europeias, mergulhando depois na maior das escuridões – a Europa como ilha perdida, metáfora afundada pela insanidade nazi, vagueando num espaço e tempo perdidos, numa imagética, curiosamente invertida, pois a autora revela-se a amarga espectadora a assistir impotente do navio ao afundar da ilha Europa (vd. *ibidem*): “(...) agora, quando se assistia ao afundar da escura e atormentada ilha Europa, cada um andava a pairar num espaço e tempo sem limites e sentia-se perdido” (IE, 2008a: 232).⁷

Esta imagética do navio revela-se muito interessante, afigurando-se-me mesmo como uma espécie de *leitmotiv* que percorre tanto os artigos jornalísticos, como no presente caso, como a crítica de feição filosófico-literária. Neste âmbito, já em 1967, na sua célebre conferência intitulada: “De Outros Espaços”, apenas publicada em 1984, Michel Foucault, definindo a nossa época como “a época do espaço”, distingue entre “utopias” – espaços irreais – e “heterotopias” – espaços reais, espécies de utopias realizadas (vd. Foucault 2005: 3). A descrição das heterotopias passaria pela análise, a “leitura” de espaços diferentes, de “lugares-outros”, salientando o autor vários princípios e funções das heterotopias. Uma das funções específicas das heterotopias consiste em criar um espaço ilusório, cujo papel não é o de criar uma mera ilusão, mas antes uma compensação. Ora, o navio como pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, existindo por si só, fechado sobre si mesmo, ainda segundo Foucault, é a heterotopia por excelência, e, simultaneamente entregue à infinitude do mar, tem constituído, na nossa civilização, desde o século XVI, o maior instrumento de desenvolvimento económico e ainda o grande escape da imaginação (vd. *idem*: 6).

Uma junção dos elementos anteriormente referidos, a saber: a ideia de fronteira, a vida entendida como viagem, o nomadismo em busca da verdade e da liberdade para si e

para o outro, nesse espaço heterotópico compensatório que é o navio, encontra-se condensada no artigo “Äquator” (publicado em *Die Weltwoche*, a 19.9.1941), quando viaja ao longo da costa africana, sem efetivamente a ver, mas, como afirma Vilas-Boas, “sentindo-a” (cf. 2008a: 161):

Das Schiff umschliesst unsere Existenz und setzt unseren Lebensäusserungen die Grenze, so wie immer unseren Freiheiten durch ein streng gefügtes und in eine Bahn und Richtung gewiesenes Schicksal ihre Grenze gesetzt ist.

[O navio abarca a nossa existência e impõe a fronteira às nossas expressões de vida, tal como às nossas liberdades é sempre imposta a sua fronteira, através de um destino severo imposto, dirigido num sentido e numa direção.] (AS 2012: 17)

Também em “Schiffstagebuch” [“Diário de Bordo”], escrito a 22.5.1941, em plena Segunda Guerra Mundial, a bordo do navio português “Colonial”, na sua viagem entre a Europa e a África (publicado no jornal helvético *National-Zeitung*, a 7.11.1941),⁸ a fotojornalista discorre sobre o sentido da liberdade e da luta política, interrogando-se sobre a própria capacidade de lutar pelos seus ideais até ao fim, mesmo se tal implicar a morte, concluindo que só terá valor uma existência assente na busca de liberdade:

Von der Behauptung zu leben, ich sei ein freier Mensch, der sich nicht fürchte, für seine Überzeugungen einzustehen wider alle Gewalt und Gefahr dieser Welt, und heimlich zu wissen, ich würde vor dem ersten Zugriff dieser Gewalt, bei der ersten Begegnung mit dem ersten Anblick der Gefahr versagen? Wenn ich so leben könnte, dann wären also alle unsere besten Anstrengungen ein überflüssiger Betrug, und es genügte, zu essen und zu schlafen – aber wozu würde man dieses Leben noch fristen?

[Viver com a asserção de que sou uma pessoa livre, que não receia bater-se pelas suas convicções, contra toda a violência e perigo deste mundo, e secretamente saber que fraquejaria ao primeiro arremesso dessa violência, no primeiro encontro com o instante sério do perigo? Se eu pudesse viver assim, então, na verdade, todos os nossos melhores esforços seriam um logro e seria suficiente comer e dormir – mas para quê prolongar ainda esta vida?] (AS 2012: 25)

A liberdade de optar por viajar no navio, partindo de Lisboa com destino a África, no intuito, que sairá frustrado, de aí se unir às forças apoiantes de De Gaulle, não a exime de

entender aquele espaço heterotópico como espaço compensatório tanto para a sua própria existência, como para a dos foragidos políticos sem identidade, capaz mesmo de alterar o rumo da vida de cada um. Assim, a autora, face à imagem paradisíaca que constrói da ilha da Madeira, em consequência de uma breve estada no Funchal, chega a ponderar iniciar uma nova vida que lhe surge como idílica. No entanto, a realidade crua e violenta do presente afasta-a dessa ideia utópica:

Es war wohl mein freier Entschluss, in Lissabon dieses Schiff zu besteigen, und noch für die Bedrängtesten unter meinen Reisegenossen, die Flüchtlinge ohne Papiere, hätte es andere Wege gegeben, und sie entschlossen sich für diesen; aber weiss ein einziger von uns, wohin er ihn schliesslich führen wird? – Obwohl dies immer so sein muss, bei jedem Schritt, den wir tun, wird es uns auf der Fahrt des Dampfers, der für eine Weile sozusagen den Umkreis unserer Existenz bestimmt, besonders deutlich ins Bewusstsein gerufen. In Funchal, während eines kurzen Aufenthaltes, der mich entzückte, dachte ich, dass ich meine Pläne ändern, und auf dieser Insel ein ganz neues Leben beginnen könnte. (...) Es ist nicht wahr, dass sie so leben sollen, die Menschen: keine Feindeshand kann sie zwingen, keine Macht hat sie dazu verurteilt, so bedürftig zu sein (...).

[Foi claramente livre a minha decisão de entrar neste navio em Lisboa, e, no entanto, para os mais oprimidos de entre os meus companheiros de viagem, os fugitivos sem papéis, haveria outros caminhos, mas eles decidiram-se por este; mas saberá qualquer um de nós, aonde ele o levará? Embora isto tenha de ser sempre assim, em qualquer passo que demos, este facto assoma-nos à consciência muito claramente, na viagem do navio, o qual durante um certo tempo parece determinar o círculo da nossa existência. No Funchal, durante uma curta estadia, que me encantou, pensei que poderia alterar os meus planos e começar uma vida completamente nova nesta ilha. (...) Não é verdade que elas tenham de viver assim, as pessoas: nenhuma mão inimiga pode obrigá-las, nenhum poder as destinou a serem tão necessitadas (...).] (AS 2012: 25-27)

Existe, portanto, sempre uma angústia, uma certa opressão sentida tanto pela autora como pelas pessoas que foram expulsas da sua pátria, pois ao leitor torna-se claro o desenraizamento de todos, o seu sentimento de “apatricidade”, de “Heimatlosigkeit”, para usarmos a terminologia de Flusser (1992: 247). Essa falta de chão, de fundamento, aplica-se aqui, tanto em sentido metafórico, como literalmente, pois as figuras encontram-se em movimento, na sua deslocação de navio.

O sentimento ou experiência de solidão do “heimatlos”, não só presente na autora, mas também partilhado por todos os emigrantes, é particularmente visível no texto que Annemarie escreve no Congo (em Lisala, a 13 de julho de 1941), ao deixar Léopoldville: “Kleines Kongo-Tagebuch I. Abschied von Leopoldville” [Pequeno Diário do Congo: Despedida de Léopoldville] (publicado no *National-Zeitung*, a 13.4.42).⁹ No entanto, a sensação de “pairar” entre dois espaços, entre dois tempos, permeados pela saudade, não só da sua Suíça natal, mas dos lugares por que passou e amou, sintomático do “nómada” por excelência, tão amplamente teorizado por Flusser, é incompreendido pelos companheiros de exílio, como se pode atentar na seguinte passagem:

Wenn ich nachdenke, habe ich Heimweh, und das kenne ich schon, man wacht mitten in der Nacht auf und weint, weil man geträumt hat. Hier gibt es Leute, die schon seit drei Jahren Heimweh haben (...) (...). Mir scheint, wenn ich jetzt daran zurückdenke, dass ich Heimweh nach Léopoldville habe, obwohl ich vielleicht nicht hätte dort leben können. Man sagt, es sei eine Stadt der Händler und Kleinbürger, und ich kenne dort Menschen, die an einer erstickten Sehnsucht langsam sterben wie an einer Krankheit (...). wenn ich von so vielen Orten erzähle, die ich schon geliebt habe und von denen mir der Abschied schwer wurde, glaubt man mir nicht. „Heimweh nach Léopoldville?“ sagen sie – „Du wirst es schnell vergessen haben!“ – Aber so haben sie auch in Kabul geredet, in Baku, in Tallinn, in Teheran, Ankara, Beyrouth, Aleppo, in Lissabon und in vielen anderen Städten. Und ich habe Heimweh nach dem Nebel von Nantucket und den Reben von Kabul und darf nicht daran denken, welche Jahreszeit es jetzt zu Hause ist.

[Quando reflito, sinto saudades, e isso também já conheço, acordar a meio da noite e chorar, porque se sonhou. Aqui há pessoas que já têm saudades há três anos (...) (...). A mim parece-me, ao olhar para trás, que tenho saudades de Léopoldville, embora talvez não tivesse conseguido viver lá. Diz-se que é uma cidade de comerciantes e pequeno-burgueses e eu conheço lá pessoas que morrem lentamente de uma saudade sufocante, como de uma doença (...). quando conto acerca de tantos lugares que já ameie e dos quais me custou despedir, não acreditam em mim. “Saudades de Léopoldville?” – dizem. – „Tu vais esquecer-te depressa!“ Mas também me falaram assim em Cabul, em Baku, em Tallinn, em Teerão, Ancara, Beirute, Aleppo, em Lisboa e em muitas outras cidades. E eu tenho saudades do nevoeiro de Nantucket e das vinhas de Kabul e não posso pensar que estação do ano é agora em casa.] (AS 2012: 102-103)

Interessante será notar que, mesmo quando verdadeiramente penetra na selva, como na reportagem “Begegnung mit dem Dschungel” [Encontro com a Selva], escrito em julho de 1941 (publicado no jornal *Die Weltwoche*, a 5.12.1941), em que a autora relata a viagem que realizou ao longo do rio Congo,¹⁰ no Congo Belga, a força indómita da natureza africana selvagem é comparada à força do oceano e o indivíduo tem de lutar contra os elementos, tal como os nossos antecessores – pioneiros, descobridores, cruzados –, para sobreviver.

(...) der Horizont war in das Rund des Wald-Ozeans gebannt als künstliche Grenze zwischen seinem Gewoge und dem des Wolkenhimmels. Ich dachte, dass man, um hier zu bestehen, wohl den Kampf mit dem Wald aufnehmen müsste, sozusagen einen Kampf mit den Elementen, einen ursprünglichen Kampf um die Existenz.

[(...) o horizonte estava dissolvido no redondo do oceano-floresta como fronteira artificial entre a sua abóbada e a do céu enublado. Eu pensei que, para se existir aqui, se teria de encetar uma luta com a floresta, digamos, uma luta com os elementos, uma luta primitiva pela existência.] (AS 2012: 97)

Ao vocábulo composto “Wald-Ozean” [oceano-floresta], de grande expressividade, junta-se a ideia de „künstliche Grenze” [fronteira artificial] e, com ela, em minha opinião, deparamo-nos novamente com o “topos” da fronteira, que, como tenho vindo a defender, percorre toda a obra de Schwarzenbach e que, neste caso, claramente remete para a dissolução do espaço e do tempo.

À medida que a penetração na densa natureza se consuma, agora de carro, que parece lançado de lado para lado, lembrando um navio nas vagas ameaçadoras [“hin- und hergeworfen wie ein Schiff”], e o ar vai ficando cada vez mais opressivo, o sujeito-viajante pressente o inevitável abismo, curiosamente o “fundo do mar”. A saudade de casa deste sujeito “apátrida” parece não conhecer fim nem fronteiras,¹¹ pois nesse momento a sua memória evoca metaforicamente as paisagens da sua alma – “uma imagem concentrada da [sua] existência”:

Man fährt wie auf dem Meeresgrund, und fährt immer weiter, Stunde um Stunde, ohne dass je eine Welle von Wind oder Licht die dumpfe Stille unterbricht, das sonst so erfrischende Grün wird bedrückend, man möchte einen Streifen Wüstenweiss sehen, einen Meeresarm, eine gelbe Steppe, die Milchstrasse im Himmelszelt.

[Vai-se como se fosse o fundo do mar e continua-se sempre, hora após hora, sem que uma onda de vento ou luz interrompa o silêncio abafado, o verde habitualmente tão refrescante torna-se opressivo, qualquer um gostaria de ver uma faixa branca de deserto, um braço de mar, uma estepe amarela, a via láctea no firmamento.] (AS 2012: 99)

Regressando de África, rumo à Europa, já em 1942, a escassos meses da sua morte, quando tencionava anuir à proposta de Henri Martin de se estabelecer em Lisboa como correspondente de jornais helvéticos, discorre, uma vez mais, sobre a importante missão histórica de Portugal, que parece cumprir-se no desbravar de caminhos no passado e no despontar da esperança no futuro, sob a acção “humanista” de Salazar. O idílio bucólico estende-se agora à ilha da Madeira. No seu artigo “Pequena viagem à volta do mundo sob a bandeira portuguesa. São Tomé e Madeira, duas ilhas portuguesas” [“Kleine Weltreise unter der Flagge Portugals. San Thomé und Madeira, zwei portugiesische Atlantik-Inseln”] (*Luzerner Tagblatt*, 8.8.1942), escreve:

Wir landeten (...) dann wieder (...) auf der zauberhaften, portugiesischen Insel *Madeira*. (...) (...) sahen wir dann eines frühen Morgens das in wunderbar warmes, goldenes Licht getauchte Eiland von Madeira aus dem Meer tauchen. Und ich begrüßte seine hoch den Berg hinanklimmenden Klöster und Kirchen (...) – seine milden Terrassen, Blumengärten, Alleen, seine kühlen Weinkeller, und den Sammetglanz seiner Matten und Haine, seine Handwerker, Stickerinnen, Bauern, Fischerknaben. Das langsame Sinken seines milden Abends, der himmlische Segnungen, dem ruhigen Wogen des Meeres, dem Atmen der warmen Erde, dem Singen und Lautenschlagen der Menschen, hinabzutragen schien... [[...] Voltámos (...) a fundear (...) no porto do *Funchal*, na encantadora e portuguesa ilha da *Madeira*. (...) (...) chegou a vez de vermos, envolta numa luz de maravilha, quente e dourada, a ilha da Madeira a emergir do mar, era ainda manhã cedo. E eu saudei os seus conventos e igrejas que se alcandoram montanha acima (...) – os seus socacos suaves, os seus jardins floridos, as suas alamedas, as suas frescas adegas e o brilho aveludado dos seus campos e matas, os seus artesãos, as bordadeiras, os camponeses, os rapazes pescadores. O lento descer da sua tarde amena [que] parecia trazer consigo bênçãos celestes à tranquila ondulação do mar, ao respirar da terra quente, aos cantos e guitarradas das pessoas...] (AS 2012:48-49; itálicos no original)

Para a fotojornalista, Portugal, continental e insular, vive assim, nos tempos incertos da II Guerra Mundial, num idílio ímpar assente no passado e na esperança do futuro – entre

fados e guitarradas – ou seja, fora do tempo, *nação-navio*, vagando entre o sol e o mar, num onirismo acentuado, dando razão a Foucault (vd. 2005: 6): “Em civilizações sem barcos, esgotam-se os sonhos...”

Pascal dizia que já nascemos *embarcados* (apud Lourenço 1994: 14). Annemarie Schwarzenbach nasceu e viveu *embarcada*. A sua busca de identidade pessoal e europeia trouxe-a à vivência do espaço-tempo português, à *nação-navio*, onde “encontrou essa memória europeia, que fez com que não se sentisse como uma estranha” (cf. V-B. 2001: 156) – a Portugal, que se comportava “como se tivesse nascido – e assim o imaginavam os seus cronistas e poetas – sob o olhar de Deus, como imune à tempestade da História” (Lourenço 1994: 15). A jovem fotojornalista suíça também acreditava na bonomia do mar português, mas quis o seu destino trágico que da vida só experimentasse o desassossego.

Bibliografia

Assmann, Aleida (2007), *Der lange Schatten der Vergangenheit: Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*, Bonn, Bundeszentrale für Politische Bildung (Bundeszentrale für Politische Bildung, 633).

Bhabha, Homi K. (1994), *The Location of Culture*, London and New York, Routledge.

Campanile, Anna (2001), “‘Mit einem Blick, der von weither zu kommen scheint’. Die Fremdwahrnehmung im Werk Annemarie Schwarzenbachs”, in Elvira Willems (ed.), *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler: Centaurus, 2. Aufl.: 93-105.

Flusser, Vilém (1992), *Bodenlos. Eine philosophische Autobiographie*; Düsseldorf, Bensheim, Bollmann.

- Foucault, Michel (2005), “De outros espaços”, trad. Pedro Moura em www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html (20.01.2011).
- Georgiadou, Areti (1998), “*Das Leben zerfetzt sich mir in tausend Stücke*”. Annemarie Schwarzenbach. *Eine Biographie*, Frankfurt/New York, Campus.
- Godinho, Maria de Lurdes das Neves (2010), “Annemarie Schwarzenbach – sua relação ambivalente com a Europa” in Gonçalo Vilas-Boas (Org.): *Annemarie Schwarzenbach. Uma viajante pela palavra e pela imagem*, Porto, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/FLUP: 185-204.
- Heintz-Gresser, Anne-Marie (2001), “Annemarie Schwarzenbach als Thomas-Mann Gestalt: Analyse des Romans *Freunde um Bernhard*”, in Elvira Willems (ed.), *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler, Centaurus, 2. Aufl.: 79-92.
- Lourenço, Eduardo (1994), *Nós e a Europa ou as duas razões*, temas portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Perret, Roger (2005), “Nachwort: ‘Im Netz der Schicksalswege’ Annemarie Schwarzenbach im Banne von Familie, Flucht und Politik”, in Annemarie Schwarzenbach, *Insel Europa. Reportagen und Feuilletons 1930-1942*, Basel, Lenos Verlag: 277-287.
- (2001), “‘Mut und Angst’” in Elvira Willems (ed.), *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler, Centaurus, 2. Aufl.: 11-18.
- (1995), “Nachwort – Persien oder die ‘himmelweite, weltumspannende Fremde’”, in Annemarie Schwarzenbach: *Tod in Persien*, Basel, Lenos Verlag: 125-141.
- Reckwitz, Andreas (2006), *Das hybride Subjekt. Eine Theorie der Subjektkulturen von der bürgerlichen Moderne zur Postmoderne*. Weilerswist: Vellbrück Wissenschaft.
- Rohlf, Sabine (2008), “*Flucht nach oben* von Annemarie Schwarzenbach”, in Walter Fähnders/Sabina Rohlf (ed.), *Annemarie Schwarzenbach. Analysen und Erstdrucke*, Bielefeld, Aisthesis: 79-98.

Said, Edward W. (2005), “Reconsiderar a teoria itinerante”, trad. Manuela Ribeiro Sanches, in Manuela Ribeiro Sanches (org), *Deslocalizar a “Europa”: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*, Liboa, Edições Cotovia: 25-42.

-- (1995), *Orientalism*. London, Penguin Books [1ª ed. 1975].

Schwarzenbach, Annemarie (2012), *Afrikanische Schriften. Reportagen – Lyrik – Autobiographisches. Mit dem Erstdruck von “Marc”*, Sofie Decock et al. (Hg.), Schweizer Texte, Band 36, Zürich, Chronos Verlag.

-- (2008a), *Insel Europa. Reportagen und Feuilletons 1930-1942*, Basel, Lenos Verlag (IE).

-- (2008b), “A estepe”, *Cadernos de Literatura Comparada 18 - Viagens*, trad. Andreia Silva e Catarina Ramos, rev. Teresa Martins de Oliveira, Porto, Edições Afrontamento: 185-189.

-- (1998), “Wir werden es schon zuwege bringen, das Leben”. Annemarie Schwarzenbach an Erika und Klaus Mann. *Briefe 1930-1942*, Uta Fleischmann (Hg.), Centaurus, Pfaffenweiler.

Ueckmann, Natascha (2001), “Annemarie Schwarzenbach: Ethnographin ihrer eigenen Kultur und Psychographin ihrer selbst”, in Elvira Willems (ed.), *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotograf*, Pfaffenweiler, Centaurus, 2. Aufl.: 119-136.

Vilas-Boas, Gonçalo (2010), “‘Et maintenant se fait l’unité entre ce qui parle en moi, el le monde au dehors.’ Annemarie Schwarzenbachs Afrika-Texte”, in Mirella Carbone (Hg.), *Annemarie Schwarzenbach. Werk, Wirkung, Kontext. Akten der Tagung in Sils/Engadin vom 16. Bis 19 Oktober 2008. Mit einer Schwarzenbach-Bibliographie 2005-2009*, Bielefeld, Aithesis Verlag: 75-97.

-- (2008a), “Da muss sich das Herz sammeln, das Wesen sich straffen”. Annemarie Schwarzenbachs Feuilletons 1941-1942”, in Fähnders, Walter/Rohlf, Sabine (Hg.), *Annemarie Schwarzenbach. Analysen und Selbstdrucke*. Bielefeld: Aithesis Verlag: 153-167.

- (2008b), “Das Wiedererkennen und das Erinnern in den Reisetexten Schwarzenbachs” in Sofie Decock, / Uta Schaffers (Hg.), *inside out. Textorientierte Erkundungen des Werks von Annemarie Schwarzenbach*. Bielefeld: Aithesis Verlag: 153-172.
- (2001), *Offener Himmel über Lissabon – Annemarie Schwarzenbach in Portugal (1941-1942)*, in Elvira Willems (Hg.) *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin. Dokumentation des Annemarie Schwarzenbach Symposiums in Sils/Engadin vom 25. bis 28. Juni 1998*, Herbolzheim: Centaurus Verlag: 169-184.

Maria de Lurdes das Neves Godinho licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães), pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1983. De 1986 a 1992 foi Leitora de Português, Cultura e Literatura Portuguesas nas Universidades de Bayreuth, Bamberg e Erlangen-Nuremberga (República Federal da Alemanha). Em 1998 concluiu o Mestrado em Literatura Alemã e Comparada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 2004 publicou o livro *O Marquês de Pombal em Obras de Reinhold Schneider e Alfred Döblin. Dois Retratos Ficcionalis Alemães do Século XX*, editado pela Minerva e pelo CIEG (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos). É professora do Instituto Politécnico de Leiria desde 1992, onde, desde 1999, desempenha as funções de Equiparada a Professora Adjunta e membro do Centro de Investigação de Literatura Comparada Margarida Losa na Universidade do Porto. Encontra-se presentemente a preparar a sua dissertação de Doutoramento em Estudos Alemães, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, versando essencialmente os textos jornalísticos e relatos de viagem da escritora e foto-jornalista Annemarie Schwarzenbach, com especial incidência na Europa. Os seus temas de investigação centram-se em estudos de género, estudos culturais, na imagologia, no imaginário nacional, na identidade europeia, na memória, entre outros.

NOTAS

¹ Homi K. Bhabha chama terceiro espaço ao espaço entre “ver” e “interpretar” (enquanto prática ou processo discursivo), ou seja, o interstício entre significante e significado, no qual se revela o hibridismo, tendo em conta o contexto histórico, social e ideológico do falante (local da enunciação), tal como a seguinte afirmação de Bhabha o presentifica:

“Where I led you may reveal that the theoretical recognition of the split-space of enunciation may open the way to conceptualising an international culture, based not on the exoticism of multiculturalism or the diversity of cultures, but on the inscription and articulation of culture’s hybridity. It is the in-between space that carries the burden of the meaning of culture, and by exploring this Third Space, we may elude the politics of polarity and emerge as the others of our selves.” (1994: 56).

² Natascha Ueckmann (2001: 119ss.) fala mesmo de “Genre-Montagen”, no respeitante à literatura de viagens de Schwarzenbach, pelo facto de entender este género de literatura na autora como híbrido.

³ Na citação seguinte é visível a conceção de Bhabha, no que se refere à intersticialidade, à hibridez, bem como à importância da ambivalência no relacionamento com as nações e com as culturas e como estas têm de ser entendidas como construções “narrativas” que surgem a partir da referida interação híbrida:

“It is in the emergence of the interstices – the overlap and displacement of domains of difference – that the intersubjective and collective experiences of *nationness*, community interest, or cultural value *are* negotiated. How are subjects formed “in between”, or in excess of, the sum of the I parts’ of difference (usually intoned as race/class/gender, etc.)? How do strategies of representation or empowerment come to be formulated in the competing claims of communities where, despite shared histories of deprivation and discrimination, the exchange of values, meanings and priorities may not always be collaborative and dialogical, but may be profoundly antagonistic, conflictual and even incommensurable?” (1994: 2).

⁴ Sobre o conceito “bodenlos”, Vilém Flusser começa por demonstrar o carácter absurdo da “falta de raízes”, tanto no reino vegetal/animal – numa planta desenraizada, por ex. – como no ser humano. Denomina, por isso, “Bodenlosigkeit” [falta de chão, de raízes] como “Erfahrung der Einsamkeit” [experiência da solidão] E especifica: “sem base razoável [...] Tem-se o sentimento vertiginoso de se pairar sobre um abismo, no qual os conceitos “verdadeiro” e “falso” não funcionam.] [ohne vernünftige Basis]. [...] Man hat dabei das schwindelnde Gefühl, über einem Abgrund zu schweben, in dem die Begriffe “wahr” und “falsch” nicht funktionieren.”] (1992: 9-11).

⁵ No entanto, não se pense que Flusser define a sua teoria de “Heimatlosigkeit” [apatricidade] como algo negativo. Pelo contrário, refletindo, na sua autobiografia *Bodenlos. Eine philosophische Autobiographie* (vd. Bibliografia), acerca da sua origem judaica em Praga e do seu próprio exílio, fruto da perseguição nazi, passando primeiro por Londres e, estabelecendo-se depois em S. Paulo, e mais tarde, em Robion (França), resume: “Em suma, sou *heimatlos* porque muitíssimas pátrias [Heimaten] se armazenam em mim.” (1992: 247). Este texto autobiográfico pode, aliás, entender-se como uma reflexão teórica sobre o seu “pairar” [Schweben], como exilado, sobre os vários lugares em que vai vivendo, num constante “transcender de pátrias”, explicando a fuga da sua pátria, Praga, como o mergulhar num nomadismo fecundo (*ibid.*). Neste âmbito, interessa salientar que Flusser entende que a liberdade do migrante lhe permite, precisamente, a superação das suas pátrias, não rompendo com elas, mas integrando-as: assim, ele próprio define-se como praguense, paulense, robionense e judeu, além de se situar dentro do círculo cultural alemão (cf. 1992: 252-253)

⁶ As reflexões do crítico literário e historiador cultural palestino Edward Said, por vezes polémicas, assentam na ideia de que, o mais tardar, a partir do século XIX, o Oriente passa a ser visto como o Outro, em sentido lato, para os ocidentais. O Oriental, ao ser descoberto, teria sido incompreendido e explorado pelo Ocidente. Said defendia que o viajante ocidental carregava consigo um modo de ver colonial que, inevitavelmente, transparecia nos seus textos. A expressão “orientalizing the Oriental” (Said, 1995:49), muitas vezes usada por Said, reflecte a imagem que o viajante ocidental pré-construiu do Oriental, baseada em estereótipos. O conceito de Said parte de uma série de clichés, segundo os quais o Oriente é entendido como um “topos” cultural “[Orient is] less a place than a topos” (1995:177), ou seja, o Oriente seria apreendido de forma estereotipada e superficial. Visto que, historicamente falando, o Oriente não fora capaz de se representar a si próprio, teria sido representado a partir de fora, do Ocidente. Esse Orientalismo, contudo, assentaria antes numa concepção textual do Oriente e não propriamente numa experiência real. Said fala ainda de uma dicotomia Ocidente-Oriente, entendendo com ela o tipo de relação do Ocidente com o Oriente baseada no colonialismo, racismo e imperialismo e assentando na concepção ocidental de superioridade na organização política, social, cultural e técnica. Partindo da história colonial europeia, Said liga estruturas do discurso a conceitos de hegemonia e desconstrói não apenas o que apelida de “point of view” tradicional, mas também o que se compreende habitualmente como centro e periferia. Nesta análise, segundo Ueckmann (2001:122), as construções ocidentais-orientais de Said, por um lado, baseiam-se numa analogia entre Orientalismo e Patriarcado, por outro, ignoram completamente a participação das mulheres naquilo que constitui a conceptualização oriental, o que se afigura redutor se pensarmos que o Oriente foi tradicionalmente entendido como um espaço feminino (o Oriente como um espaço interior fechado, nomeadamente como harém europeu). Para uma melhor compreensão do conceito de Orientalismo, consulte-se a obra de Edward W. Said: *Orientalism*. (vd. Bibliografia).

⁷ Tanto esta como todas as traduções de textos de Annemarie Schwarzenbach que se seguem são de minha autoria.

⁸ Trata-se de um conjunto de quatro artigos sob o nome de “Schiffstagebuch”, escritos entre 21 e 25 de maio de 1941 e publicados no jornal *National-Zeitung*, em 6,7,14 e 17 de novembro de 1941 (cf. Schwarzenbach, 2012: 284). Neste caso, abordo, portanto, o segundo desses artigos.

⁹ Também no caso do diário africano “Kleines Kongo-Tagebuch” se trata de um relato de quatro partes, o qual foi publicado nos dias 13, 16, 20 de abril e 4 de maio de 1942, no jornal *National-Zeitung* (cf. Schwarzenbach, 2012: 289-290). O artigo referido no presente trabalho é o primeiro, publicado a 13.4.1942.

¹⁰ Vilas-Boas explica que Schwarzenbach se dispôs a subir o rio Congo, na verdade 1.200 km, para visitar o casal belga Vivien, originário de Genf, que possuía plantações em Molanda, no coração da Selva (2010: 83, nota 14).

¹¹ A este propósito, Vilas-Boas refere: “Ihr [Schwarzenbachs] Heimweh scheint grenzenlos, überall, wo sie sich einmal wohl gefühlt hat, scheint sie eine ‘Heimat’ zu haben. (cf. 2008b: 164)